

XIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

XIII ENANCIB 2012

**GT 11: Informação e Saúde**

GÊNERO E GESTÃO EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO EM SAÚDE: UM  
OLHAR EXPLORATÓRIO NA FIOCRUZ

Modalidade de apresentação: Comunicação Oral

JEORGINA GENTIL RODRIGUES – FIOCRUZ

MARIA CRISTINA SOARES GUIMARÃES – FIOCRUZ

[jeorgina@icict.fiocruz.br](mailto:jeorgina@icict.fiocruz.br)

## Resumo:

Esta pesquisa tem como objetivo dar visibilidade à participação feminina nos cargos de tomada de decisão em C&T, especificamente a partir da Constituição Federal de 1988 até 2012. Toma-se como objeto de estudo a Fundação Oswaldo Cruz, uma das principais instituições científicas do país. Será realizado um mapeamento da contribuição feminina para o desenvolvimento das pesquisas em C&T em Saúde em âmbito nacional e internacional. Os dados coletados serão armazenados e estruturados em uma base de dados de forma a proporcionar posteriormente a utilização do software *VantagePoint*, que permitirá fazer análises quantitativas clássicas da cientometria, traçar redes de cooperação entre mulheres, os temas de pesquisa e evolução ao longo do tempo, parcerias nacionais e internacionais, dentre outros. Como resultado final, a expectativa é propor um modelo de banco de dados capaz de registrar dados e indicadores sobre a equidade de gênero na Fundação Oswaldo Cruz.

## Abstract:

This research is aimed at giving visibility to women's participation in decision-making positions in S&T, specifically from the 1988 Federal Constitution of 2012. Take as an object of study the Oswaldo Cruz Foundation, a leading scientific institutions of the country. It will be held a mapping of the female contribution to the development of research on S & T in health at national and international level. The data collected will be stored and structured in a database, using *VantagePoint* software, that will make quantitative analysis, trace cooperation networks between women, the national and international partnerships, and others. The expectation is to provide a model database capable of to register data and indicators on gender equality at Oswaldo Cruz Foundation.

## INTRODUÇÃO

Há uma necessidade urgente para que tanto países desenvolvidos como em desenvolvimento façam melhor uso de sua capacidade humana em Ciência e Tecnologia (C&T) tanto para participar ativamente da “economia do conhecimento” como para melhorar a qualidade de vida para todos os cidadãos.

Os estudos registram que, em todo o mundo, a tradução do conceito "capital humano científico" para as diversas ocupações profissionais científicas tem sido feita em percentual muito aquém do que o esperado, tanto para homens como mulheres, registrando-se que para as mulheres a taxa de conversão é menor (GLOVER; FIELDING, 1999). Muitas mulheres altamente treinadas acabam por se distanciar das atividades científicas para as quais foram formadas, o que representa uma grande perda no investimento em capital humano para os países, especialmente se considerarmos o alto desempenho das mulheres na educação científica (EUROPEAN COMMISSION, 2000).

As mulheres representam uma proporção significativa da base de recursos humanos de todas as nações; juntas elas constituem um *pool* de talentos para ciência, tecnologia e inovação. Mas essa situação ainda não implicou em uma reformulação da estrutura científica, enquanto função e papel desempenhados pelas mulheres tanto nas atividades de bancada como nos postos de tomada de decisão. A ciência ainda é dita como masculina, estereótipo que continua contribuindo para que a temática gênero, mais particularmente, a participação das mulheres, esteja ainda pouco incorporada nas agendas de pesquisa em C&T.

Embora as mulheres estejam atuando de forma mais intensa em instituições de pesquisa, ainda enfrentam a discriminação e a desigualdade de gênero, expressa nas mais diferentes perspectivas (LETA, 2003).

Uma delas diz respeito ao número crescente de estudos dedicados à análise dos processos de produção, difusão e uso dos conhecimentos científicos à luz do crescimento exponencial da ciência a partir de meados do século XX. Todo esse corpo teórico não tem sido sensível à temática de gênero, ignorando que mulheres e homens têm trajetórias diferenciadas e que desvelar as mulheres no mundo científico e tecnológico exige um esforço específico. “Tal critério, sob aparente neutralidade, de fato, iguala os que não são iguais no acesso às carreiras científicas e tecnológicas” (MELO; OLIVEIRA, 2006, p. 304).

O relatório *Mapping the Maze: Getting More Women to the Top in Research*, publicado em 2008 pela Comissão da União Europeia revela que, embora processos de avaliação e promoção justos e transparentes sejam instrumentos necessários, por si sós não são suficientes: é indispensável que ocorra uma mudança de cultura para alcançar uma representação mais equilibrada de homens e de mulheres nos órgãos de decisão (EUROPEAN COMMISSION, 2008).

Entre as manifestações da segregação de gênero no mercado de trabalho está a “segregação hierárquica”, ou vertical (VAZ, 2010, p. 27). Conhecido na literatura como “teto de vidro” (*glass ceiling*), essa segregação caracteriza-se pela ascensão limitada das mulheres aos altos cargos de comando dentro de uma instituição e, conseqüentemente, do prestígio e das remunerações (GADEBERG, 1999; CITELI, 2000; COSTA, 2006; SCHIENBINGER, 2008). Conforme se sobe à escada do poder e prestígio no mercado de trabalho, “cada vez menos rostos femininos são vistos” (SCHIENBINGER, 2001, p.76).

Como se pode constatar, a presença das mulheres nas carreiras científicas “não se fez sem obstáculos nem desafios” (CARVALHO, 2011, p.407). Nessa perspectiva, os estudos de gênero evidenciam que ainda existem desigualdades entre os sexos que comprometem a

progressão das mulheres em postos de tomada de decisão no meio científico e acadêmico (VELHO; LEÓN, 1998; SHERIDAN, 1998; SCHIEBINGER, 2001; LETA, 2003; LETA; LEWISON, 2003; AQUINO, 2006; COSTA, 2006; CARVALHO, 2011). Isso reproduz nacionalmente, o que ocorre em países europeus (DEWANDRE, 2002).

Persistem as perguntas sobre como trazer mais mulheres para o estudo desses campos científicos? Como incorporar uma perspectiva de gênero nas agendas de investigação, para o desenvolvimento de estratégias, políticas, processos e produtos em apoio a uma agenda de desenvolvimento? Estas preocupações têm sido o foco de discussão em muitos fóruns internacionais. O que se discute é que, uma vez que as mulheres estão subrepresentadas nas políticas de C&T e nos órgãos de decisão (nos níveis institucional, nacional e internacional), como consequência as questões de gênero têm conseguido pouco espaço na agenda de investigação científica. Recrutamento, atração, promoção, retenção e reconhecimento são pontos-chave e estratégias eficazes e necessárias para aumentar a participação feminina em C&T no meio acadêmico. Identificar a participação das mulheres no lócus de tomada de decisão em C&T é, portanto, um ponto de partida importante para analisar se e como estratégias de equidade de gênero têm sido levadas a cabo por essas mulheres.

Para responder esta proposição, toma-se como objeto de estudo a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), uma das principais instituições científicas do país - um espaço caracterizado como C&T em Saúde que pesquisa, ensina e produz (BUSS, GADELHA, 2002).

De fato, a partir do final dos anos de 1980, a Fiocruz passou por uma série de mudanças organizacionais, com a adoção de órgãos colegiados como o Conselho Superior, o Congresso Interno e o Conselho Deliberativo. São instâncias que discutem sobre temas do desenvolvimento institucional e sobre ações de suporte ao SUS (PRÍNCIPE, 2005).

Nesse cenário, o processo de redemocratização possibilitou conquistas como os direitos humanos das mulheres no Brasil, consolidadas na Constituição Federal de 1988. Pela primeira vez na história constitucional do país, consagra-se a igualdade entre homens e mulheres como um direito fundamental (PITANGUY; MIRANDA, 2006).

O projeto *Gênero e Gestão em Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde: um olhar exploratório na Fiocruz* é parte integrante do programa Programa de Indução à Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (PIPDT - edição 2011) do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict) da Fiocruz e tem por objetivo dar visibilidade à participação feminina nos espaços de tomada de decisão institucional, especificamente a partir da Constituição Federal de 1988. Essa data pode ser tomada como ponto de inflexão para um novo marco legal dos direitos civis, ao mesmo tempo em que um

novo modelo de gestão de saúde, Sistema Único de Saúde (SUS), convida a um novo pensar do campo da pesquisa em saúde. O projeto não se propõe a um estudo comparativo antes - depois de 1988 - ao contrário, o projeto almeja tomar 1988 como ano zero a partir de onde se poderá mapear e acompanhar a chegada de mais mulheres em postos-chave de decisão na instituição.

## **MULHERES NA CIÊNCIA**

Em um mundo globalizado, em que ser competitivo é uma exigência básica, a formação de pesquisadores e os investimentos em Educação são essenciais para que os países em desenvolvimento das Américas obtenham avanços sociais e humanos para suas populações. Neste sentido, Alice Abreu, Diretora do Escritório Regional do ICSU-LAC, defende fortes investimentos na formação de pesquisadores e no desenvolvimento da Ciência, Tecnologia e Inovação nos países das Américas. Os inúmeros estudos internacionais sobre mulheres na ciência demonstram uma menor produtividade científica feminina, observados em diferentes países. Contudo, as publicações representam um processo social fundamental no intercâmbio e na validação do conhecimento científico entre os pares (ABREU, 2006).

Em 1996, um estudo realizado pela Unesco mostrou que embora a participação feminina em Ciência e Tecnologia (C&T) no ensino superior tenha aumentado, especialmente em algumas regiões em desenvolvimento do mundo como a América Latina, Europa Oriental e Ásia, as mulheres ainda estão em minoria no setor (LETA; LEWISON, 2003).

Nessa perspectiva, foi a partir nos anos de 1980 e 1990 que as mulheres brasileiras aumentaram sua participação em C&T. A falta de dados sistemáticos sobre a formação e o perfil dos recursos humanos no setor e a falta de dados sobre financiamentos dificultam a contextualização de uma discussão. Em relação participação feminina no ensino superior, diferente de algumas décadas atrás, elas hoje são a maioria em boa parte dos cursos de graduação e de pós-graduação do país. Contudo, a relação entre a formação de mulheres na área de C&T e seu ingresso, retenção e promoção no mercado de trabalho é baixa. Isto representa uma perda no investimento na educação científica, bem como na capacidade científica nacional (LETA, 2003; ABREU, 2006).

Dados recentes coletados por Abreu (2009) dão conta da evolução da participação feminina na ciência nacional. De acordo com dados do CNPq, citados pela autora, no período de 1995 a 2006, a participação feminina no total de pesquisadores no Brasil cresceu de 39

para 48%. Ainda assim, dados dos Grupos de Pesquisa do CNPq, em 2000, apontam que na liderança de projetos de pesquisa o sexo masculino é cerca de 35% maior que o feminino. Nas tecnológicas e nas chamadas *hard sciences* – Engenharias, Exatas e da Terra – e Agrárias predominam os homens. O percentual de participação das mulheres ainda é pouco representativo, principalmente na Física e na Matemática. Na distribuição de bolsistas de pós-graduação, em Ciências Biológicas e na Saúde, são aquelas que mais acolhem mulheres, representando 65 e 59%, respectivamente, em relação ao sexo masculino. O percentual de participação das mulheres ainda é escasso na Física e na Matemática. Contudo, o expressivo do número de mulheres com nível de graduação e pós-graduação no país ainda está aquém da presença feminina na produção do conhecimento em C&T.

A incorporação de mulheres no sistema de Ciência e Tecnologia em Saúde também pode ser verificada a partir da distribuição de bolsas de produtividade em pesquisa concedidas pelo CNPq. A proporção de bolsistas do gênero feminino cresce, mas diminui à medida que aumenta o nível hierárquico da bolsa. Este é um indicativo de que parte das mulheres que passa pelos primeiros estágios de produção do conhecimento científico se “perde” ao longo desse caminho ou simplesmente não ganha o reconhecimento dos pares por meio da concessão de bolsas (LETA, 2003; MENDES et al., 2010).

Na América Latina, em termos de ascensão na carreira científica e posição hierárquica, as mulheres tem que enfrentar as mesmas dificuldades e barreiras que suas colegas pesquisadoras nos demais países do mundo. Conforme Velho e Prochazka (2003):

Hierarquia implica poder de decisão, que é importante para a seleção de tópicos de pesquisa e alocação de recursos, e é exatamente neste aspecto que a posição das mulheres deteriora sensivelmente. A única exceção parece ser Cuba, onde as mulheres são 58% dos pesquisadores e cerca de 50% dos diretores de pesquisa nas universidades.

Na Europa, apesar de políticas que buscam dar oportunidades e flexibilidade às mulheres cientistas, os resultados ainda são tímidos. As mulheres representam uns 30% dos graduados em Ciências e Engenharia nos países da Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OCDE) e entre 25% e 35% de pesquisadores na maioria dos países da OCDE<sup>1</sup>. As políticas que visam a melhorar a participação das mulheres nas C&T variam do

---

1 Os países membros da OCDE são: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Chile, Coréia, Dinamarca, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Islândia, Itália, Japão, Luxemburgo, México, Noruega, Nova Zelândia, Países Baixos, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Checa, República Eslovaca, Suécia, Suíça e Turquia. A Comissão Européia participa dos trabalhos da OCDE.

uso de metas quantitativas para a proporção de mulheres nos corpos dirigentes científicos e nas posições de quadro executivo, às iniciativas de orientação e trabalho em rede bem como aos programas visando a ajudar as mulheres e reintegrar à força de trabalho da pesquisa depois de licença parental (OECD, 2006).

Conforme o relatório *Recommendations for Integrating a Gender Perspective in Science and Technology Policies and Programs in the Americas* da Organização dos Estados Americanos (OEA), os princípios anunciados na Declaração de Lima, aprovada no *First Meeting of Ministers and High Authorities on Science and Technology in the framework of CIDI-OAS*, Lima, Peru, entre 11 e 12 de novembro de 2004:

Desenvolver as ações necessárias para integrar a perspectiva de gênero a políticas e programas de ciência e tecnologia nos Estados membros, a fim de alcançar a participação da mulher e do homem. Mulheres e homens deveriam ser parceiros iguais no desenho, produção e fruição de benefícios da sociedade do conhecimento (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS, 2004, p. 6).

Neste encadeamento, conforme a fala da ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Nilcéia Freire, a presença de mulheres no meio científico como “ativas produtoras do conhecimento” é recebida como uma questão social na sociedade contemporânea ocidental. O Brasil começa a despertar para a importância das mulheres ocuparem mais a esfera de poder, tradicionalmente dominada pela visão masculina (FREIRE, 2010).

## **PERFIL FIOCRUZ**

Nas últimas décadas, a Fiocruz tem ampliado significativamente as suas atividades, acompanhando e contribuindo para políticas de estado e governamentais voltadas à saúde pública e ao desenvolvimento. Hoje, a instituição conta com cerca de 7,5 mil servidores e profissionais com vínculos variados e 17 unidades técnico-científicas em 6 estados, nas cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Manaus e Curitiba, e um escritório em Escritório Internacional em Maputo, África.

Em sua trajetória a Fiocruz tem tomado decisões importantes relacionadas à saúde dos brasileiros. Para o cumprimento de sua missão a Instituição estimula na atmosfera organizacional um modelo democrático de gestão, com a adoção de órgãos colegiados e instâncias participativas para a definição de compromissos institucionais (PRÍNCIPE, 2005).

Em 1988, realizou-se o I Congresso Interno, com o tema *Ciência e Saúde: a Fiocruz do Futuro*, quando foi apresentado um projeto de integração institucional às políticas nacionais de desenvolvimento científico e tecnológico em saúde, além de aprovado um modelo participativo de gestão e autonomia (CONGRESSO INTERNO, 1998).

O Congresso Interno é o órgão máximo de representação da comunidade da Fiocruz. A ele compete deliberar sobre assuntos estratégicos relacionados ao macroprojeto institucional, sobre o regimento interno e propostas de alteração do estatuto, bem como sobre matérias que possam interferir nos rumos da instituição. O evento, que acontece a cada quatro anos, é presidido pelo presidente da Fundação e composto por delegados eleitos pelas unidades, em número proporcional aos de seus servidores. Este modelo tem incentivado a participação de homens e mulheres no processo de tomada de decisão institucional.

A primeira edição do Congresso Interno ocorreu em 1988, durante a gestão do médico sanitaria Sérgio Arouca (1985-1990). Pelo Estatuto da Fiocruz, ainda não aprovado àquela altura, o Congresso Interno deveria se reunir ordinariamente a cada quatro anos por ocasião da eleição do novo presidente da instituição e extraordinariamente nos momentos de crise institucional. Este Fórum que, desde então, funciona regularmente, foi legalmente aprovado como parte do Estatuto da Fiocruz, pelo Presidente Lula (2002-2010), na sua primeira visita à instituição após assumir a Presidência da República.

Nas temáticas e deliberações do Congresso Interno, pela primeira vez, na edição do VI Congresso Interno levou a discussão temas como a Missão, a Visão e os Valores da instituição, que nortearão a Fiocruz. Entre estes temas *Diversidade étnica, de gênero e sociocultural*, a Fundação valoriza a diversidade nas relações com pessoas e instituições, e a diversidade de ações e compromissos com os múltiplos temas e saberes que constroem a saúde. Essas ações voltadas ao enfrentamento das desigualdades de gênero e à garantia dos princípios do respeito às diferenças, da não discriminação e da igualdade social (CONGRESSO INTERNO, 2010).

De fato, essa mudança organizacional favorece a democracia e os direitos iguais e abre um espaço privilegiado para pensar a inserção das mulheres em posição de tomada de decisão.

Em relação às mulheres ocuparem cargos de gestão na Fiocruz, é cada vez mais comum as mulheres assumirem coordenações, gestão e chefia em serviços públicos. Contudo, não existem dados sistematizados sobre a trajetória dessas mulheres ocupando cargo de liderança (chefes de departamentos, laboratórios, comissões, coordenadores de projetos e gestores). Dados recentes, entretanto, apontam para a crescente participação em órgãos colegiados e direção de Unidades da Fiocruz.



Antes de 1988 a participação feminina era pontual, restringindo-se a cargos técnicos ou científicos e administrativos, tendo pouca voz dentro das instâncias superiores da Instituição.

Dado ao gigantismo da Fiocruz vem à responsabilidade em abraçar a perspectiva de gênero para discutir não só a dinâmica de crescimento como também responder a todos os chamados internacionais para constituir uma base sólida de estatísticas de gênero e ciência.

Assim, esse projeto de pesquisa tem como objetivo mapear a participação feminina no locus de tomada de decisão na Fiocruz, nas instâncias de deliberação coletiva (como Coletivo de Dirigentes, Câmaras Técnicas, Conselho Deliberativo da Instituição), especificamente a partir da Constituição Federal de 1988.

## **TRAJETÓRIA METODOLÓGICA E RESULTADOS ESPERADOS**

O período de cobertura da pesquisa vai de 1988 (promulgação da constituição) até 2012. Encontra-se em curso a identificação dos postos-chave de decisão na instituição ocupados por mulheres. A partir desta identificação será realizado o mapeamento da participação feminina nos espaços de tomada de decisão institucional (instâncias de decisão coletiva no âmbito Fiocruz).

Estes levantamentos tem como fonte de informação dados coletados nos Serviços de Recursos Humanos que funcionam em cada unidade técnico-científica da Fiocruz. Além disso será feita consulta a documentos orientadores da ação institucional, como as resoluções do Congresso Interno e o Plano Quadrienal. Adicionalmente, serão levantados os currículos dessas pesquisadoras cadastrados na plataforma Lattes de forma a levantar as respectivas produções científicas e grupos e linhas de pesquisa.

Os dados coletados serão armazenados e estruturados em uma base de dados, e posterior utilização do software *VantagePoint*, que permitirá fazer análises quantitativas, traçar perfis das pesquisadoras, temas de pesquisa, padrões de cooperação, dentre outros.

A expectativa é disponibilizar para a comunidade científica a base de dados constituída o que deve gerar uma rica fonte de informação para pesquisadores e pesquisadoras em C&T em Saúde e áreas afins, oferecer dados atualizados sobre a contribuição das mulheres para o desenvolvimento das pesquisas em C&T em Saúde em âmbito nacional e internacional, dar visibilidade à participação feminina nos espaços de tomada de decisão institucional e abrir um espaço para a discussão se o gênero influencia o processo de tomada de decisão em âmbito organizacional.

## REFERÊNCIAS

ABREU, A. Women for Science: public policies for improving gender equity. In: GENDER AND PUBLIC POLICIES IN EDUCATION, SCIENCE AND TECHNOLOGY. IMPROVING GENDER EQUITY. *Round Table I* [México, DF]: Academia Mexicana de Ciencias, 20-21 abr. 2009.

AQUINO, E. M. L. Gênero e ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca da equidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE NÚCLEOS E GRUPOS DE PESQUISAS, Brasília, 2006. *Pensando gênero e ciência*. Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006. p.11-24.

BUSS, P.; GADELHA P. Fundação Oswaldo Cruz: experiência centenária em biologia e saúde pública. São Paulo em Perspectiva p. 16: 73-83, 2002.

CARVALHO, M. G. Conclusão: estudos ciência, tecnologia e gênero: rompendo paradigmas. In: \_\_\_\_\_. *Ciência, Tecnologia e Gênero: abordagens iberoamericanas*. Curitiba: E. UTFPR, 2011.

CITELI, M. T. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.15, p. 39-75, 2000.

COSTA, M. C. Ainda somos poucas: exclusão e invisibilidade na ciência *Cadernos Pagu*, Campinas, n.27, p.455-459, 2006.

CONGRESSO INTERNO DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1, 1988, Rio de Janeiro. *Resoluções finais*. Rio de Janeiro, 1988.

CONGRESSO INTERNO DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 6, 2010, Rio de Janeiro. *Relatório final*. Rio de Janeiro, 2010.

DEWANDRE, N. Women in science. European strategies for promoting women in science. *Science*, v.295, n. 5553, p.278-9, Jan. 2002.

EUROPEAN COMMISSION. *Benchmarking Policy Measures for Gender Equality in Science*. Brussels: European Commission, 2008. Disponível em: <[http://ec.europa.eu/research/science-society/document\\_library/pdf\\_06/benchmarking-policy-measures\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/research/science-society/document_library/pdf_06/benchmarking-policy-measures_en.pdf)>. Acesso em 20 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. *Communication from the Commission of 7 July 2000 Addressed to Member States on the Commission Decision Relating to Gender Balance within Committees and Expert Groups Established by It*. Brussels: European Commission, 2000.

FREIRE, N. Apresentação. In: ENCONTRO NACIONAL DE NÚCLEOS E GRUPOS DE PESQUISAS, 2. Brasília, DF, 2010. *Pensando gênero e ciência*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010.

GADEBERG, J. *A coragem de criar grandes mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

GLOVER, J.; FIELDING, J. Women in the sciences in Britain: getting in? *Journal of Education and Work*, v.12, n.1, p. 57-73, 1999.

GRUPO DE HELSÍNQUIA. As Mulheres e a Ciência: resumo. Disponível em: <[ftp://ftp.cordis.europa.eu/pub/improving/docs/women\\_national\\_policies\\_summary\\_pt.pdf](ftp://ftp.cordis.europa.eu/pub/improving/docs/women_national_policies_summary_pt.pdf)>. Acesso em 10 maio 2010.

LETA, J. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estud. av.*, São Paulo, v.17, n.49, p. 271-284, 2003.

\_\_\_\_\_; LEWISON, G. The contribution of women in Brazilian science: a case study in astronomy, immunology and oceanography. *Scientometrics*, v.57, n.3, p. 339-53, 2003.

MELO, H. P.; OLIVEIRA, A. B. A produção científica brasileira no feminino. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.27, p.301-331, 2006.

MENDES, P. H. C. et al. Perfil dos pesquisadores bolsistas de produtividade científica em medicina no CNPq, Brasil. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v.34, n.4, p. 535-541, 2010.

OCDE. *Inspirados pela tecnologia, norteados pela pedagogia: uma abordagem sistêmica das inovações educacionais de base tecnológica*, 2010. Disponível em: <<http://www.oecd.org/dataoecd/14/39/47785311.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2012.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. *Plano de Ação de Lima aprovados na Primeira Reunião de Ministros e Altas Autoridades de Ciência e Tecnologia*. Lima, Peru, 2004. Disponível em: <[http://portal.oas.org/Portals/7/Ciencia\\_Tecnologia/documentos/Plano%20Acao%20de%20Lima.pdf](http://portal.oas.org/Portals/7/Ciencia_Tecnologia/documentos/Plano%20Acao%20de%20Lima.pdf)>. Acesso em 20 jan. 2012.

PITANGUY J.; MIRANDA, D. A. As Mulheres e os Direitos Humanos. In: O PROGRESSO das Mulheres no Brasil. Brasília, DF: Unifem, 2006. p. 14-32.

PRÍNCIPE, A. S. A. *Gestão da informação para apoio à decisão no setor público: uma proposta de sistema informatizado para a comunicação de compromissos institucionais na Fiocruz*. 2005. Dissertação (Mestrado) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2005.

SHERIDAN, B. *Strangers in a Strange Land: a literature review of women in Science*. Boston, MA: Simmons Institute for Leadership and Change, Simmons College, 1998. (CGIAR Gender Program, Working Paper, n. 17).

SCHIEBINGER, L. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru: Edusc, 2001.

\_\_\_\_\_. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p. 269-281, 2008.

VAZ, D. V. *Segregação hierárquica de gênero no setor público brasileiro*. Brasília: IPEA, fev. 2010 (Boletim do Mercado de Trabalho, 42), p. 27-36. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em 05 jan. 2012.

VELHO, L; LEÓN, E. A construção social da produção científica por mulheres. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.10, p.309-44, 1998.

\_\_\_\_\_; PROCHAZKA, M. No que o mundo da ciência difere dos outros mundos? Com ciência – *Mulheres na Ciência, Revista eletrônica de periodismo científico*, n. 50, dez., 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/09.shtml>>. Acesso em 22 fev. 2011.